PFAFFIA PANICULATA K.: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DE FITOTERAPIA NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM[1]

Ana Gabriela Cavalcanti Carneiro Monteiro[2]
Cidia Tomazelli[3]
Keity Sauana Tibes[4]
Maristela Bosco Sabadini[5]
Andreia Fortes Ribeiro[6]

RESUMO: Introdução: o emprego de medicamentos fitoterápicos vem ganhando espaço no tratamento de patologias e pesquisas envolvendo plantas medicinais têm se tornado necessárias para a comprovação científica dos benefícios da fitoterapia. A normatização das práticas de terapias alternativas, pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), Resolução 197/97, amplia a atuação dos enfermeiros, validando o trabalho com fitoterápicos, desde que o profissional receba treinamento adequado. **Objetivo:** relatar a experiência vivenciada a partir de uma visita de estudos sobre efeitos medicinais da *Pfaffia paniculata* K. **Metodologia:** trata-se de um relato de experiência feito a partir de visita técnica em Chapecó – SC. **Resultados e Discussão:** Com análise em literatura cientifica observou-se que as raízes da planta são utilizadas como medicinais, tendo ação antiinflamatória, cicatrizante e imunoestimulante para o organismo. Os resultados são satisfatórios no tratamento de células tumorais e anemia falciforme. A ampla utilização da *P. paniculata* ainda depende do conhecimento aprofundado de suas propriedades.

Palavras-chave: Fitoterapia. Promoção da Saúde. *Pfaffia paniculata.*

INTRODUÇÃO

Em tempos remotos as plantas medicinais eram amplamente utilizadas pelos povos do mundo. Com o desenvolvimento da medicina e da farmacologia surgiram os medicamentos alopáticos, reduzindo consequentemente o uso de fitoterápicos. Atualmente, devido à ampla divulgação dos efeitos colaterais dos medicamentos sintéticos e a busca do bem estar holístico, tem levado ao retorno do uso popular de plantas para o tratamento de diversas doenças. Este avanço traz consigo inúmeras vantagens, pois as ervas medicinais, quando

[1] Relato de Experiência

[2] Acadêmica do 3º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó (SC); analua_c@hotmail.com
[3] Acadêmica do 3º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó (SC); cidiato@yahoo.com.br
[4] Acadêmica do 3º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó(SC); keity_s_t@hotmail.com
[5] Acadêmica do 3º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó (SC); marisabadini@gmail.com
[6] Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó(SC); andreiauffs@gmail.com

adequadamente utilizadas, funcionam de maneira eficaz além de poderem ser adquiridas a baixo custo (JUNIOR, 2007).

Porém, qualquer medicação, seja alopata ou fitoterápica, só deve ser utilizada a partir de indicação terapêutica, pois quando ingerida de forma indiscriminada pode causar problemas de saúde, principalmente quando o uso ocorre de maneira concomitante com outras substâncias sem que se conheçam as possíveis interações medicamentosas existentes entre elas (SILVEIRA et al., 2008).

No Brasil, a Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006 do **Ministério da Saúde**, insere a prática das Terapias Integrativas e Complementares no contexto do Sistema Único de Saúde – SUS. Dentre estas está a fitoterapia que, é definida pela portaria como um recurso terapêutico caracterizado pelo uso das plantas medicinais em suas diversas formas farmacêuticas e que a sua utilização estimula o desenvolvimento comunitário, a solidariedade e a participação social.

Anterior à publicação da Portaria nº 971 do Ministério da Saúde, o Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, através da Resolução 197/1997, já havia reconhecido e estabelecido a prática das terapias alternativas como qualificação do profissional de Enfermagem, ou seja, os enfermeiros estão aptos a exercer, através das terapias alternativas, a promoção da saúde e prevenção das doenças dentro do seu âmbito de trabalho, desde que tenham sido capacitados por um curso específico e reconhecido. Adicionalmente, o ensino de terapias integrativas e complementares, deve ser uma constante para os profissionais de enfermagem, iniciando durante o processo de graduação, para promover a sensibilização para trabalho com a temática.

Diante da inserção das práticas alternativas na rotina dos serviços de saúde, se faz necessária a adequação dessas terapias ao cotidiano dos pacientes. O conhecimento e consequente uso medicinal das plantas são características repassadas através de gerações, entretanto muitas vezes sem embasamento científico que efetive a eficácia desse tratamento. São necessários estudos e pesquisas que comprovem os benefícios conquistados com a fitoterapia (JUNIOR, 2007).

Visando ampliar o conhecimento referente à empregabilidade dos medicamentos fitoterápicos na promoção da saúde e prevenção de doenças, este trabalho trata-se de um relato de experiência de uma atividade de ensino na graduação em enfermagem, com o objetivo de descrever os efeitos da planta *pfaffia paniculata* k., em quais patologias ela pode ser utilizada e possíveis interações com outros fármacos na assistência a pacientes crônicos, com base em uma visita técnica que abordou a temática.

1 METODOLOGIA

A turma da 3ª fase do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS realizou uma visita técnica a uma localidade no município de Chapecó-SC, em março de 2012, coordenada pela Professora Andreia Fortes do componente curricular de Genética. O objetivo da visita foi conhecer o trabalho realizado com plantas medicinais, cultivadas de forma orgânica para o emprego no tratamento de doenças.

Na oportunidade pode-se vivenciar o empenho dos trabalhadores no cultivo das plantas medicinais para a efetivação da fitoterapia como forma alternativa no tratamento de patologias e manutenção da saúde, através da produção de xaropes, tinturas, pó para solução, cápsulas, pomadas, chás e confecção de travesseiros aromáticos.

A visita possibilitou o contato direto com diversas plantas além de demonstrar a importância do tratamento fitoterápico quando empregado com conhecimento adequado.

Para complementar o estudo, foi realizada revisão bibliográfica, em bases de dados científicos, acerca dos empregos medicinais da planta *Pfaffia paniculata*.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 *Pfaffia paniculata*: características e utilização

O gênero *Pfaffia* possui 27 espécies distribuídas no Brasil e a diferenciação entre elas não é simples. Algumas destas espécies são utilizadas em substituição ao ginseng, sendo conhecidas como Ginseng-brasileiro ou Fáfia (RATES; GOSMANN, 2002).

A Fáfia é uma planta herbácea cujo nome científico é *Pfaffia paniculata*. Pertence à família botânica Amaranthaceae e é popularmente conhecida como: Fáfia, Paratudo, Raiz da Vida e Ginseng Brasileiro. As plantas são perenes, nascem em todo o Brasil, especialmente próximo ao curso dos rios principalmente nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Goiás (TESKE, 2001).

O arbusto mede de 1 a 1,5m, possui ramos moles e nodosos nas articulações. Apresenta folhas opostas, simples e inteiras. Suas flores são pequenas e surgem dos ramos terminais. Não tem exigência quanto ao solo e clima, pode crescer em matas ou campos. A floração ocorre entre os meses de fevereiro e abril (TESKE, 2001).

O princípio ativo da Fáfia é o Ácido Pfáfico (noriterpenoide) e seus constituintes químicos são: Saponinas: pfafosídos A, B, C, D, E e F; Alantoína; Fitosteróis: sitosterol e estigmasterol; Sais Naturais: fósforo, cálcio, ferro e potássio; Aminoácidos; Mucilagens. (RATES; GOSMANN, 2002).

Conforme citações em literatura científica e do conhecimento popular, a Fáfia é auxiliar no tratamento de irregularidades circulatórias, estresse, anemia, diabetes e astenia e suas raízes são utilizadas como medicinais, tendo ação antiinflamatória, cicatrizante, imunoestimulante e tônica para o organismo (TESKE, 2001).

Alguns estudos comprovaram a existência de atividade inibitória do ácido pfáfico e dos pfafósidos perante o crescimento de células tumorais cultivadas, como o melanoma B-16, em modelos animais. A presença da substância alantoína nas raízes da planta pode estar relacionada com a ação cicatrizante de feridas e a atividade antiúlceras atribuídas a esta raiz. A Fáfia tem a capacidade de estimular e tonificar o organismo, eliminando a fadiga física e mental, aliviando estados de estresse e depressão, estabilizando o sistema cardiovascular, estimulando o processo circulatório e aumentando o número de glóbulos vermelhos, consequentemente aumentando a taxa de hemoglobina. Possui também ação hipoglicêmica, além de potencializar a ação da insulina e do estrogênio (TESKE, 2001).

Com o aumento da procura por esta espécie, sua reposição vem sendo prejudicada em função da extração predatória, já que o princípio ativo do arbusto encontra-se na raiz. Estima-se que o período entre coletas da Fáfia deva ser de aproximadamente cinco anos, pois este é o tempo necessário ao amadurecimento da planta e ao desenvolvimento de seu princípio ativo (JUNIOR, 2005).

A posologia desta planta é variada: pode ser utilizada através da decocção das raízes (10g/L) com a ingestão de três xícaras por dia; a droga moída pode ser ingerida em cápsulas (2-5 g/dia); e a tintura 90 gotas 2x ao dia, para peso corporal entre 70 e 90 kg. Pode ser utilizada em um período de 3 a 12 meses, contudo existem relatos de pessoas que utilizam a Fáfia há vários anos, sem sofrerem efeitos colaterais (TESKE, 2001).

2.2 Interações dos medicamentos fitoterápicos em pacientes crônicos

Os medicamentos fitoterápicos representam uma parcela significativa no mercado de medicamentos e vem sendo utilizado cada vez mais por pacientes portadores de doenças crônicas, fator que desperta preocupação a respeito da interação entre os fármacos e as plantas medicinais (OLIVEIRA, 2004).

No Brasil, o órgão que regulamenta a utilização das plantas medicinais é a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), com papel fundamental na proteção da saúde da população. A agência é responsável pelo registro de novos medicamentos, etapa na qual é avaliada a segurança, eficácia e qualidade, antes dos produtos serem disponibilizados para o mercado farmacêutico. Atualmente existem mais de 520 medicamentos fitoterápicos registrados (CARVALHO, 2008).

Segundo CARVALHO (2008), o uso dos fitoterápicos é, muitas vezes, realizado por adultos e idosos portadores de alguma patologia crônica. Em geral, os indivíduos acreditam que os fitoterápicos são uma opção isenta de efeitos adversos e de interações com outros medicamentos, porém a estimulação do uso de chás e ervas de forma indiscriminada pode acarretar graves problemas relacionados à toxicidade e possíveis efeitos oriundos da mistura medicamentosa. Os medicamentos à base de plantas são constituídos por diversos compostos químicos que, quando utilizados concomitantemente, podem resultar em interações com graves consequências.

As interações entre as plantas medicinais e os fármacos podem causar alterações nas concentrações plasmáticas dos fármacos e mudanças no perfil de eficácia e segurança dos efeitos esperados. Estas interações estão divididas em farmacocinéticas e farmacodinâmicas. Ocorrem interferências no processo de absorção, distribuição, metabolismo e excreção do fármaco. O efeito terapêutico das plantas medicinais se dá através dos receptores específicos e, quando ocorre o uso concomitante de medicamentos, podem alterar os níveis de resposta, ocasionado em ampliação ou redução do princípio ativo do fármaco (ALEXANDRE, 2008)

Alexandre (2008) explica que estudos *in vitro* e relatos de casos comprovam que as saponinas do ginseng podem inibir ou estimular a composição de medicamentos. Nos antidepressivos, da classe dos inibidores da enzima monoamina oxidase – MAO ocorreu à interação dos fitoterápicos à base de ginseng, causando aos usuários sintomas como: cefaleia, insônia e tremores. O uso conjunto dos fitoterápicos com os estrogênios mostrou um aumento da atividade estrogênica, que resultou em mastalgia e sangramento menstrual excessivo. Também ocorreram alterações em relação aos hipoglicemiantes orais e anti-hipertensivos.

Porém, muitos dos estudos realizados não são conclusivos ou se baseiam somente em relatos, com baixa qualidade metodológica dos ensaios clínicos como: padronização inadequada das doses ou pequena população analisada. Mais testes nesta área se mostram necessários para que os usuários tenham maior segurança na utilização dos fitoterápicos disponíveis para a comercialização (ALEXANDRE, 2008).

2.3 Efeitos medicamentosos da P. Paniculatta

Estudos que comprovam cientificamente a empregabilidade terapêutica da Fáfia ainda são bastante escassos, mas já começam a ser desenvolvidos, mostrando que esta espécie tem chamado atenção, principalmente pelo grande conhecimento empírico de suas propriedades. Esta planta é referida como uma das mais utilizadas e eficazes em toda a medicina popular.

ARAUJO (2009) cita o pó da raiz de *Pfaffia paniculata* como importante método no tratamento da anemia falciforme. Nesta patologia, os glóbulos vermelhos do sangue (hemácias) que têm a finalidade de transportar o oxigênio nos vasos sanguíneos, alteram sua forma, organizando-se por meio de feixes de polímeros mais ou menos paralelos, dando a hemácia uma forma alongada tornando-as parecidas com uma foice, daí o nome falciforme. Estas, no momento do transporte, se agregam e dificultam a circulação do sangue nos pequenos vasos do corpo.

Neste estudo, o pó da raiz da planta de Fáfia foi empregado para avaliar o efeito da desfalcização *in vitro.* Trinta pacientes brasileiros, com anemia falciforme, receberam 1 cápsula de 500 mg da planta medicinal a cada oito horas. O número de eritrócitos, reticulócitos, células falciformes, eritroblastos periféricos, hemoglobina (HB), hematócrito (HT), hemoglobina corpuscular média (HCM), volume corpuscular médio (MCV) e concentração de hemoglobina corpuscular média (MCHC) foram analisados em sangue periférico imediatamente antes e dois e três meses depois do início do tratamento.

Sua administração resultou na diminuição das células falciformes, eritroblastos e reticulócitos no sangue, assim como aumentaram os níveis plasmáticos de hemoglobina e do hematócrito, evidenciando a possibilidade de utilização da Fáfia para tratamento da anemia falciforme.

Matsuzaki et al. (2006 apud VIEIRA et al., 2010) realizaram trabalho verificando a capacidade de extratos de Fáfia no combate a células tumorais e verificaram que houve redução na quantidade dessas células nas culturas tratadas com extratos de Fáfia. Em humanos não existem registros de testes, o que torna necessária a realização de outras análises para que se possa comprovar cientificamente a eficácia desta planta neste tratamento.

É possível afirmar que o uso racional da espécie de *Pfaffia paniculata* com finalidade terapêutica, ainda depende do conhecimento aprofundado de suas propriedades farmacológicas, e do desenvolvimento de tecnologias de produção que a tornem um medicamento fitoterápico apto para o tratamento de diversas patologias humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível observar a importância e o significado da *Pfaffia paniculata* no âmbito popular e científico. Esta planta vem sendo utilizada há muitos anos, porém, poucas pesquisas de cunho científico foram realizadas.

Conforme ARAUJO, 2009, a Fáfia vem sendo empregada no combate da patologia Anemia Falciforme e tem demonstrado ação satisfatória. A sua utilização resultou na diminuição das células falciformes, eritroblastos e reticulócitos no sangue.

Pesquisas relatam testes em camundongos para avaliar a ação terapêutica do Ginseng-brasileiro no controle de células tumorais neoplásicas, porém, não há comprovação dos efeitos em seres humanos.

A partir da visita técnica, observamos que a raiz da planta tem aplicações medicinais, apresentando ação inflamatória, cicatrizante, imunoestimulante, além de ser auxiliar no tratamento de irregularidades circulatórias, estresse, anemia, diabetes e astenia, porém, destacamos que esses são conhecimentos empíricos e que necessitam de futuros estudos para comprovação científica destas propriedades.

A utilização dos fitoterápicos sem o acompanhamento médico, e a substituição da alopatia por extratos de plantas medicinais podem causar grandes riscos, dentre eles o aparecimento de efeitos adversos e intoxicações, além da alteração dos resultados esperados dos medicamentos alopatas.

Por consequência, os profissionais da área de saúde demonstram grande reticência na indicação das plantas medicinais nos tratamentos de saúde, devido ao desconhecimento dos seus efeitos adversos.

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), na Resolução 197/97, estabelece as Terapias Alternativas como especialidade do profissional de enfermagem. Entretanto, para que o enfermeiro possa atuar como terapeuta alternativo, necessita ter concluído o curso de especialização nesta modalidade de tratamento, devendo ser reconhecido em instituição de ensino e ter uma carga horária mínima de 360 horas.

As universidades têm reconhecido e valorizado os efeitos da utilização de ervas medicinais na promoção da saúde e prevenção de doenças, de modo que o componente curricular Fitoterapia vem sendo inserido no Projeto Político Pedagógico dos Cursos de Graduação em Enfermagem. Em alguns casos, o componente é implantado de forma optativa durante a graduação e pode ser mais uma das áreas para que o profissional enfermeiro possa exercer seu trabalho.

Adicionalmente, o ensino sobre terapias integrativas e complementares tem sido abordado de forma multidisciplinar, conforme observado neste relato de experiência. A visita técnica foi uma iniciativa válida para estimular nos graduandos o debate e reflexão a respeito da utilização das plantas medicinais na promoção a saúde.

As políticas aprovadas no ano de 2006 apresentam em suas diretrizes o incentivo à pesquisa e desenvolvimento com relação ao uso das plantas medicinais e fitoterápicos, priorizando a biodiversidade do país, além de estimular a adoção da Fitoterapia nos programas de saúde pública. Fazem-se necessários estudos multidisciplinares que evolvam os profissionais químicos, etnobotânicos, farmacêuticos, enfermeiros e agrônomos, ampliando desta forma os conhecimentos acerca das plantas medicinais, viabilizando de maneira segura a validação do uso terapêutico da *Pfaffia paniculata* e demais fitoterápicos.

PFAFFIA PANICULATA K.: REPORT EXPERIENCE ABOUT THE PHYTOTHERAPY TEACHING IN NURSING GRADUATION

ABSTRACT: Introduction: the use of herbal medicines is gaining momentum in the treatment of diseases and research involving medicinal plants has become necessary for the scientific proof of the benefits of herbal medicine. The standardization of practices alternative therapies, the Brazilian Federal Nursing Council (COFEN), Resolution 197/97, extends the work of nurses, validating herbal working, provided the practitioner receives adequate training. **Objective:** report their experience from a study visit about the medicinal effects of *Pfaffia paniculata* K. **Methodology:** This is an experience report done from a technical visit in Chapecó - SC. **Results and Discussion:** With the analysis in the scientific literature, it was showed that the roots of the plant that are used in traditional medicine, have anti-inflammatory, healing and immunostimulant for the body. The results are satisfactory in the treatment of tumor cells and sickle cell anemia. The widespread use of *P. paniculata* still depends on thorough knowledge of its properties.

Keywords: Herbal Medicine. Health Promotion. *Pfaffia paniculata*.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, R. F.; BAGATINI, F.; SIMÕES, C. M. O. Interações entre fármacos e medicamentos fitoterápicos à base de ginko ou ginseng. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 18, n. 1, p. 126-117, 2008.

ARAUJO, J. T.; BYDLOWSKI, S. P.; MENDONZA, T. R. T. O extrato de Pfaffia paniculata melhora a hidratação dos eritrócitos in vitro e os sintomas da anemia falciforme. **Lilacs Virtual**. nº LLXP: S0034-72642009002900004. p. 386 - 389 Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=4134>. Acesso em: 12 abr. 2012.

BRASIL. **Portaria n° 971, de 03 de maio de 2006**. Aprova a política nacional de práticas integrativas e complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/PNPIC.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2012.

CARVALHO, A. C. B.; BALBINO, E.E.; MACIEL, A.; PERFEITO, J. P. S. Situação do registro de medicamentos fitoterápicos no Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v 18, n. 2, n. 319-314, 2008.

JUNIOR, A. B. **Guia prático de plantas medicinais**: Descubra o que os vegetais podem fazer pela sua saúde. São Paulo: Universo dos Livros. 2005. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=B9tqICWJNIEC&pg=PA55&lpg=PA55&dq=aspectos+planta+f%C3%A1fia+paniculata&source=bl&ots=q1QOpyHibL&sig=yZL2IQrTAKD1DUgl0pf636xnnm4&hl=ptBR&sa=X&ei=ckCxT4ePB8fF6QGZ4OHNAQ&ved=0CGQQ6AEwBQ#v=onepage&q=aspectos%20planta%20f%C3%A1fia%20paniculata&f=false>. Acessado em: 05 abr. 2012.

JUNIOR, V. F. V. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais da saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia.** v. 18, n. 2, p. 308-313, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v18n2/27.pdf.>. Acessado em: 25 mai. 2012.

OLIVEIRA, A. E.; DALLACOSTA, T. Interações farmacocinéticas entre as plantas medicinais. **Revista Acta Farmacêutica Bonaerense**. v. 23, n. 4, p. 567-78, 2004.

RATES, S. M. K.; GOSMANN, G. Gênero Pfaffia: aspectos químicos, farmacológicos e implicações para o seu emprego terapêutico. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 12, n. 2, p. 85-93, jul./dez. 2002.

RIO DE JANEIRO. **Resolução 197/1997 de 19 de março de 1997**. Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Conselho Federal de Enfermagem. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/node/4253>. Acesso em: 28 abr. 2012.

SILVEIRA, P. F.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia.** v. 8, n. 4, p. 618-626, out./dez. 2008.

TESKE, M.; TRENTINI, A. M. M. **Herbarium compêdio de fitoterapia.** Herbarium Laboratório Botânico. 4. ed. rev. Curitiba. 2001, p. 130-131.

VIEIRA, J.; MATSUZAKI, P.; NAGAMINE, M. K.; HARAGUCHI, M.; AKISUE, G. GORNIAK, S. L.; DAGLI. M. L. Z. Inhibition of ascitic ehrlich tumor cell growth by intraperitoneal injection of *Pfaffia paniculata* (Brazilian ginseng) butanolic residue. **Brazilian Archives of Biology and Technology.** v. 53, n.3, p. 609-613, 2010.